



O Black Bloc e o papel das mídias sociais nas manifestações brasileiras de 7 de setembro de 2013¹

Fábio MALINI Luiz de Lima²

Gabriel Herkenhoff Coelho MOURA³

Nelson Aloysio REIS de Almeida Passos⁴

Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, ES

RESUMO: Este artigo objetiva propor uma reflexão sobre o surgimento da tática *black bloc* no Brasil e analisar os vínculos estabelecidos entre usuários da mídia social Twitter em relação aos protestos ocorridos no Brasil no dia 7 de setembro de 2013. A pesquisa inicial deu-se pela busca e armazenamento de mensagens publicadas na rede social contendo o termo *black bloc*; a seguir, de forma a analisarmos o grande volume de dados obtido, desenvolvemos a esquematização de imagens e grafos representativos das redes, visando compreender a natureza de suas interações e, principalmente, como estas se estruturaram ao longo do tempo.

PALAVRAS-CHAVE: análise de redes sociais; black bloc; manifestações; protestos.

I – INTRODUÇÃO E OBJETIVO

Por mais de duas décadas, os protestos no Dia da Independência do Brasil vinham sendo organizados pelo Grito dos Excluídos, sindicatos e movimentos sociais em defesa da justiça social. No ano de 2013, porém, vários outros grupos convocaram protestos pela internet com demandas políticas tanto imateriais (como o fim da corrupção) quanto situacionais (como contra a realização da Copa do Mundo e das Olimpíadas no Brasil). Entre estes atores, estavam os autodemonimados *black blocs*: indivíduos adeptos de uma tática de guerrilha cujas origens remontam ao movimento autonomista de 1970 e 80, onde vários protestos eclodiram contra o governo e suas políticas nuclear e habitacional. De origem ideológica majoritariamente anarquista – mas com a participação de marxistas, ambientalistas e feministas radicais – os *Schwarze Bloc* nasceram como tática de resistência à violência do aparato policial alemão. Com o objetivo de garantir o anonimato

¹ Trabalho apresentado no IJ7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2014.

² Orientador do trabalho, professor e Doutor em Comunicação pela UFRJ e coordenador do Labic-Ufes (Laboratório de estudos em Imagem e Cibercultura), e-mail: fabiomalini@gmail.com, site: www.labic.net.

³ Orientador do trabalho e pesquisador associado ao Labic, e-mail: gabrielherkenhoff@gmail.com.

⁴ Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Jornalismo da Ufes e pesquisador associado ao Labic, e-mail: nelsonalysio@gmail.com.



de seus adeptos e, com isso, evitar perseguições e processos, os adeptos eram convocados a usar roupas pretas e máscaras, vestuário que se tornou uma marca da tática.

Ainda que tenham se passado mais de 30 anos, o *black bloc* continua sem muitos estudos acadêmicos a seu respeito, o que pode ser observado pela falta de artigos acadêmicos que se debruçam sobre o tema. Por outro lado, com a difusão do uso das mídias sociais ao longo deste início de século XXI, há no ciberespaço um grande volume de dados disponível sobre os mais diversos assuntos, o que possibilita a realização de estudos ligados tanto ao campo da Cibercultura, quanto ao da Ciência de Dados. Entretanto, ainda não há pesquisas que investiguem a ligação entre os diversos grupos adeptos da tática e o uso das redes sociais da Internet – apesar de certos padrões de comportamento poderem ser observados.

Com estes aspectos em foco, objetivamos, por meio de uma contextualização histórico-social, proporcionar uma reflexão sobre a *raison d'être* dos *black blocs*; analisar o discurso destes grupos nas mídias sociais durante as manifestações sociais do Dia da Pátria; determinar como se deu a apropriação de novas tecnologias pelos envolvidos nos protestos; e, através de uma análise descritivo-exploratória de suas redes no Twitter, explicitar como os mesmos se articularam e o conteúdo que publicaram.

O presente artigo é a primeira parte de um estudo em realização pautado nas manifestações sociais brasileiras emergentes no ano de 2013, realizado com o apoio de pesquisadores do Laboratório de Estudos em Imagem e Cibercultura (Labic), sediado na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

II – METODOLOGIA

Preparação e documentação

O trabalho foi desenvolvido em três etapas. Primeiro, com o objetivo de recolher informações sobre o acontecimento para a reconstrução de sua história, realizamos uma pesquisa documental; para isso, utilizamos o *software* livre *YourTwrapperKeeper*⁵, responsável por *crawlear* (buscar e armazenar) *tweets* em tempo real a partir de termos e *hashtags* específicos. Escolhemos a rede social Twitter por 1) possuir API (*Application Programming Interface*) aberta, o que permite facilmente extrair informações disponíveis

⁵ Predecessor do serviço pago Topsy, capaz também de armazenar os *tweets* publicados anteriormente à sua busca, até 2006 – comprado no início de dezembro de 2013 por 200 milhões de dólares pela empresa Apple. Download disponível em: <https://github.com/540co/yourTwrapperKeeper>. (Acesso em: 11/04/2014)



na rede por meio de aplicativos desenvolvidos especificamente para este uso; e 2) pela constante utilização da rede tanto por manifestantes para planejarem as suas próximas ações, quanto pela mídia para noticiar e induzir a discussão dos fatos ocorridos durante os protestos.

Sua configuração requereu certas particularidades: modificamos seu código fonte para exportar os *tweets* desejados em tabelas .csv (*comma separated values* – valores separados por vírgula), mas delimitadas por *pipes* (caractere '|'), de forma a livrá-las de *bugs* de quebra de linha e para servir de método de entrada para dois outros *scripts* que viríamos a utilizar posteriormente. Para realizarmos a coleta de dados, definimos dois termos de busca: a expressão “*black bloc*” e a hashtag #*blackbloc*.

Análise descritivo-exploratória

O primeiro passo após a pesquisa documental foi realizar uma pesquisa bibliográfica, a fim de melhor compreendermos não somente o surgimento da tática *black bloc* nas manifestações, como também o grande volume de dados coletado. Neste sentido, ao longo do artigo utilizamos autores como Henrique Antoun, Manuel Castells, Piérre Levy, Paulo Magalhães, Fábio Malini, Jean-Marie Muller e Howard Rheingold para nos ajudarem na contextualização, reflexão e análise das redes.

O segundo passo foi produzir uma historiografia da rede de ação coletiva das manifestações sociais brasileiras do Dia da Independência. Para isso, realizamos uma análise descritivo-exploratória das redes coletadas: utilizamos o script *tweetgraph*⁶ responsável por transformar a tabela original com os *tweets* que coletamos em duas redes distintas: de menções (*ats* – o Twitter utiliza uma arroba, *at sign*, antes de um nome de usuário para criar um hiperlink a algum perfil) e republicações (*rts* ou *retweets*) de mensagens por outros usuários. Antes, entretanto, modificamos seu código fonte para exportar o texto dos *tweets* junto dos outros valores e para adaptar o seu método de entrada aos arquivos que exportamos do YourTwapperKeeper.

Com isso, pudemos importar os arquivos no *software* livre Gephi⁷ e realizar uma análise descritivo-exploratória das redes, a fim de compreender a sua estrutura e identificar

⁶ Escrito na linguagem de programação R. Disponível em: <http://crunch.kmi.open.ac.uk/viewsource.php?src=~stuartbrown/data/tweetgraph.R>. (Acesso em: 11/04/2014)

⁷ Ferramenta *open source* para a visualização e manipulação de grafos dinâmicos e hierárquicos, incluindo redes e sistemas complexos. Disponível para *download* em: <http://gephi.org>. (Acesso em: 11/04/2014)



os perfis com maior autoridade (número de republicações de suas mensagens, direta ou indiretamente), assim como as mensagens (muitas vezes, com o maior número de republicações e maior alcance na rede) que estavam a propagar antes, durante e após os protestos do dia 7 de setembro. Pudemos, dessa forma, analisar como a rede se estruturava – mas não o seu conteúdo, produzido colaborativamente por milhares de *tweets* e usuários. Utilizamos, então, o *script narT*⁸, responsável por ler os *tweets* que coletamos, demonstrar as correlações entre *hashtags* presentes no *dataset* (fig. 2), gerar estatísticas dedicadas à interpretação da rede a ser estudada (fig. 3) e o arquivo de entrada para importação e criação de um *wordcloud* (fig. 4), a fim de obtermos uma exposição visual de seu conteúdo. Conseguimos, desta forma, avaliar a repercussão das manifestações no ciberespaço, especificamente em relação à presença que o *black bloc* exibia nas mesmas.

III – DESENVOLVIMENTO

Guerrilha urbana: a origem do *black bloc*

“A propriedade privada deveria ser distinguida da propriedade pessoal. A última é baseada na utilidade, enquanto a primeira é baseada na troca. A premissa da propriedade pessoal é que cada um de nós tenha o que precisa; a da propriedade privada é que cada um de nós tenha algo que o outro precisa ou deseja... Nós reconhecemos que a destruição da propriedade privada não é um ato violento a não ser que destrua vidas ou cause dor no processo... Ao "destruirmos" propriedades privadas, nós convertemos o seu limitado valor de troca... Quando quebramos uma janela, nós objetivamos destruir a fina camada de legitimidade que ronda o direito à propriedade privada... Muitas pessoas nunca verão o vidro de uma loja ou um martelo da mesma maneira... O número de janelas quebradas empalidece em comparação com... a violência cometida em nome do direito à propriedade privada e todo o potencial de uma sociedade sem ela. Janelas quebradas podem ser encomendadas e eventualmente substituídas, mas a quebra destes princípios vai ainda esperançosamente persistir por um certo tempo.”⁹

Apesar de traços do *black bloc* poderem ser rastreados até os confrontos chamados pela organização Weather Underground¹⁰ (WUO) durante os “Dias de Fúria” (*Days of Rage*), em Chicago de 1969, é apenas com a ascensão do movimento autonomista durante

⁸ Script “narrativo do Twitter”, escrito na linguagem de programação Python por Marcus Vinicius Leite, graduado do curso de Ciências da Computação da Ufes e pesquisador do Labic-Ufes. Disponível para *download* em: <https://github.com/ufeslabic/parse-tweets>. (Acesso em: 11/04/2014)

⁹ ACME Collective – N30 Black Bloc Communiqué (1999). DEUSEN, MASSOT. The Black Bloc Papers. Kansas: Breaking Glass Press, 2001, p. 44.

¹⁰ Também conhecida como Weatherman ou The Weathermen, foi uma organização radical de esquerda fundada em Ann Arbor (Michigan) e uma facção da Students for a Democratic Society (SDS). Responsável por uma série de ações diretas antes e durante a década de 1970, almejavam “a destruição do imperialismo americano e um mundo sem classes: comunismo mundial”, conforme visto no manifesto de Port Huron Statement (1962), disponível em: <http://web.archive.org/web/20060328145901/http://martinrealm.org/documents/radical/sixties1.html>. (Acesso em: 11/04/2014)



a década de 1970, em vários países da Europa, que elementos mais concretos da tática começaram a emergir, entre grupos distintos, dotados de horizontalidade e uma estrutura descentralizada, provando suas raízes anarquistas.

Advindo da experiência da autonomia operária italiana, a Alemanha foi um dos países onde o movimento mais se desenvolveu: um conjunto de experimentos sociais organizados por setores que optaram por se manter à margem do modo de vida dominante imposto pelo governo e criar focos de sociabilidade alternativos no seio das próprias sociedades capitalistas, pautados por valores e práticas opostos aos já estabelecidos. Com o tempo, entretanto, após a destruição de várias ocupações, como a República Livre de Wendland¹¹, apenas crescia a truculência do aparato policial e do governo federal alemão ocidental e oriental, simultaneamente com os de outras nações.

Foi assim que, ao final da década de 1970, grupos radicais – por vezes formados por indivíduos de dentro do cenário anarcopunk, usualmente por indivíduos da típica classe trabalhadora –, começaram a vestir-se de preto e marchar num único contingente, a fim de ocultar suas identidades e evitar serem encurralados pelas forças policiais e posteriores acusações legais. A decisão também colaborou para levar os movimentos em questão em direções mais militantes¹², a ponto de desenvolver melhores táticas de autodefesa que, por exemplo, os capacetes de motociclistas pretos e as jaquetas de couro do *Black Helmet Brigade*, um dos primeiros grupos, originalmente pacífico¹³, a entrar em confronto direto com as forças policiais que repreendiam com violência a manifestantes e manifestações, ainda no ano de 1978, na Holanda. Desde então, a tática tem sido utilizada por diferentes grupos de dissidentes em diversos países e situações, incluindo Canadá, Egito, Estados Unidos, Itália, Reino Unido e, mais de trinta anos depois, Brasil.

É importante salientar que este processo de formação não deu origem a uma organização única e/ou contínua; pelo contrário, ela existia, mas como um grupo temporário, formado de uma ou múltiplas células, cujo objetivo imediato era a criação de uma força de luta provisória nas ruas capaz de resistir ao aparato policial e às suas

¹¹ Ocupação na região de Wendland da cidade de Gorleben, Alemanha, em 3 de maio de 1980, num protesto à decisão do governo federal de transformar a área em um depósito de lixo radioativo. Resistiu até 4 de junho do mesmo ano, quando forças policiais alemãs desapossaram pacificamente dos manifestantes a área, conforme disponível em: http://germanhistorydocs.ghi-dc.org/docpage.cfm?docpage_id=1917 (Acesso em: 11/04/2014).

¹² The Black Bloc Papers, p. 10.

¹³ “Em 23 de novembro de 1978... em Amsterdã... os vídeos [nos] mostram: naquele dia, ocupantes, parados... com os braços cruzados para passivamente acabar com a desocupação, apanharam com cassetetes enquanto gritavam: "sem violência, sem violência!" Era óbvio que aquilo não aconteceria de novo”, conforme disponível em www.portlandoccupier.org/2012/02/16/black-bloc-a-brief-history/ (Acesso em: 11/04/2014).



tentativas violentas de dissolver as manifestações¹⁴. O *black bloc* era, portanto, não mais que uma aliança entre pessoas e/ou grupos independentes que, coletivamente, agiam direta e democraticamente sempre que possível; um grupo extremamente mutável, que encontrava na falta de uma estrutura formal ou hierarquia autoritária a sua maior vantagem e, em diferentes instâncias, limitação. Ao mesmo tempo, porém, nota-se um padrão: em muitos, senão todos os cenários em que a tática emergiu, houve previamente uma forte repressão marcada pela violência com que as forças militares responsáveis por dissipar os protestos a mando dos representantes políticos da população faziam-no.

Green, yellow, black bloc: o ascender da tática no Brasil

Assim como em outras localidades, foi necessária uma demonstração inicial da violência expressa por forças militares frente a manifestações sociais para fazer com que diferentes grupos utilizassem da tática *black bloc* em seus confrontos. No Brasil, entretanto, denota-se uma particularidade: seu aparato policial, em específico a Polícia Militar, já era, mesmo antes do ascender dos protestos e de sua repressão, caracterizado por um sentimento de medo e insegurança vindo por boa parte de sua população – uma realidade reforçada por diferentes pesquisas, em parte devido à violência¹⁵ por parte de alguns membros da instituição e a ilegalidade¹⁶ dos atos que uma minoria¹⁷ comete. O país, entretanto, desde as marchas pelo Impeachment de Collor, em setembro de 1992, não

¹⁴ “Tipicamente, o bloco se posiciona à frente, atrás e nos perímetros da marcha em protesto a fim de proporcionar uma presença defensiva em pontos normalmente vulneráveis. Assim, a polícia é prevenida de romper a demonstração sem antes ter de subjugar uma seção altamente militante, decidida e preparada do protesto.”. The Black Bloc Papers, p. 11.

¹⁵ “No Brasil, a violência policial... afeta um grande número de pessoas. Entre agosto de 1995 e agosto de 1996, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, 5,3% da população foram desrespeitados, 2,3% foram ameaçados e 1,1% foi agredido fisicamente por policiais. Isso significa que, num período de um ano, pelo menos 835.454 pessoas sofreram algum tipo de violência policial. A mesma pesquisa mostra que, no mesmo período, aproximadamente 80% das vítimas de roubo, furto ou agressão não recorreram à polícia, sendo que de 30 a 40% destas vítimas, dependendo do tipo de crime, não o fizeram porque não acreditavam na polícia ou tinham medo dela.” CIDADANIA, justiça e violência. Rio de Janeiro: Ed. Função Getúlio Vargas, 1999, p. 130. Pesquisa de vitimização realizada pelo CPDOC-FGV/Iser.

¹⁶ “Vejam como exemplo a cidade do Rio de Janeiro: se considerarmos o efetivo da Polícia Civil do estado em cerca de 12.000 homens e da Polícia Militar em 45.000 (números verdadeiros muito superiores), teremos um total geral de 57.000 policiais. Aproveitando os dados das principais organizações não-governamentais que combatem a corrupção, as quais admitem o valor de 10% para os índices de desvios de conduta dentro das instituições em geral, acabamos por constatar que só no Estado do Rio de Janeiro existem, admitidamente, cerca de 5.700 policiais corruptos e dispostos a qualquer atividade ilegal. Se considerarmos ainda a hipótese de o policial corrupto praticar apenas uma atividade ilegal por mês (o que não é plausível), teríamos, diariamente, 190 atos de corrupção de policiais só no Estado do Rio de Janeiro.” MAGALHÃES, Paulo. A Polícia na História do Brasil. Mato Grosso do Sul: 2008, p.25.

¹⁷ Os dados apresentados caracterizam um comportamento de parte dos membros da instituição, não representando sua atuação no geral, e os números, quando comparados ao total, chegam a parecer mínimos. Configura-se, obviamente, uma exceção: “não é a exceção que foge à regra, mas a regra que, através de uma auto suspensão, dá lugar à exceção e, somente deste modo, constitui-se como regra”. AGAMBEN, Giorgio. HOMO SACER: O poder soberano e a vida nua I; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.



abrigava protestos com forte adesão popular e presença nas ruas¹⁸. Foi somente mais de duas décadas depois, em junho de 2013, que a ocasião enfim se configurou durante uma das convocações por parte do Movimento Passe Livre (MPL), em luz do contínuo e intermitente aumento das tarifas dos transportes públicos e da crescente insatisfação popular quanto ao modo que seus representantes políticos ignoravam seus clamores.

As ruas foram, então, tomadas por multidões inteligentes¹⁹ que, impulsionadas pelo acesso às novas tecnologias de informação e comunicação (TICs), deram forma ao que Pierre Levy chama de inteligência coletiva: “uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta [em] uma mobilização efetiva das competências” (LEVY, 1998, p.28). Além de servir à mobilização e articulação das manifestações, as redes sociais foram um importante espaço de exposição da repressão policial por meio de *streamings*, imagens e comentários postados pelos manifestantes e reverberados por diversos sujeitos. Com isso, grupos começaram a importar elementos da tática *black bloc* para resistirem às ações da polícia.

Foi assim que, em 1º de julho de 2013, exatamente dez dias após a primeira manifestação convocada pelo MPL, publicou-se o “Manifesto *Black Bloc*”²⁰ na página *BlackBlocBrasil*, uma das mais ativas na ocasião, com dezenas de milhares de seguidores. Uma análise do documento permite confirmar a interpretação feita até então: seu conteúdo se apresenta tanto como uma resposta de seus integrantes à violência da Polícia Militar em luz dos protestos, quanto à ineficácia do governo brasileiro em responder as suas reivindicações, gerando um forte sentimento de exclusão, marginalização e revolta em grande parte de seu contingente.

“Contra as grandes corporações, instituições e organizações opressoras” (artigo 1º): a exemplo da Polícia Militar, identificada pelos adeptos do *black bloc* como “meio de repressão e/ou opressão” (art. 8º) justamente por empregar pelos seus oficiais táticas de “infiltração desmoralização e corrupção de movimentos sociais” (art. 2º) – como as várias prisões preventivas de manifestantes, infiltrações em protestos por policiais à paisana, prisão de cidadãos sem provas ou motivos conclusivos (ex.: vinagre), agressões de jornalistas e quebra de seus equipamentos,

¹⁸ Conforme disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1296834-protesto-em-sao-paulo-e-omaior-desde-manifestacao-contracollor.shtml>. (Acesso em: 11/04/2014).

¹⁹ “Formadas por pessoas capazes de atuar conjuntamente mesmo que não se conheçam. Os membros desses grupos cooperam de modos inconcebíveis em outras épocas porque utilizam sistemas informáticos e de telecomunicações muito novos que lhes permitem conectar-se com outros sistemas do entorno, assim como com outras pessoas”. RHEINGOLD, H. *Multitudes Inteligentes: la próxima revolución social*. Barcelona: Gedisa, 2004, p. 18.

²⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/notes/black-bloc-manifesto-black-bloc/472653326160999> ou <http://on.fb.me/1g5wmPh>. (Acessos em: 11/04/2014)



entre outras várias ações que policiais militares foram gravados realizando durante os protestos.

O 7 de setembro: relato histórico

Os protestos no Dia da Independência de 2013 aconteceram em cerca de 40 cidades, sendo 24 capitais. Segundo informações oficiais²¹, ao todo, estimam-se a presença de 17 mil manifestantes e a detenção de ao menos 525 pessoas, entre adultos e adolescentes. No Rio de Janeiro, manifestantes entraram na avenida do desfile cívicomilitar ainda pela manhã, gerando conflitos; já à tarde, dissidentes, incluindo *black blocks*, seguiram ao monumento Zumbi dos Palmares, na avenida Presidente Vargas, e queimaram a bandeira do Brasil, depois se direcionando para o palácio Guanabara, sede do governo. Na capital São Paulo, manifestantes chocaram-se com a polícia no centro; um grupo com *black blocks* tentou depredar a Câmara Municipal e depois seguir para a Sé; confrontos se sucederam. Em Brasília, policiais e manifestantes se enfrentaram até serem dispersos por armas “não letais” pelos arredores do Congresso, do estádio Mané Garrincha e do Museu da República.

As demonstrações nas cidades de Rio de Janeiro e São Paulo, em comparação com outras localidades, nos permitem afirmar que em ambos os estados a tática *black bloc* apresenta-se com mais força que o usual. Em todas, entretanto, identificou-se o padrão de comportamento dos manifestantes de fazer uso das mídias sociais como instrumentos de coordenação, engajamento e repercussão das ações tomadas pelos envolvidos nos protestos do Dia da Pátria. Especificamente no Twitter, dissidentes realizaram *streamings* para propagar informações para outras pessoas e grupos a longas distâncias; e as forças policiais também utilizaram da mesma rede social, mas para vigiar e interceptar as comunicações dos envolvidos nas manifestações.

Assim, os protestos adquiriram uma nova camada de luta, que resultou na apropriação do ciberespaço tanto pelos interessados no fim das manifestações, quanto por aqueles que buscavam romper o “monopólio da fala” das corporações midiáticas, para utilizar uma expressão de Muniz Sodré (1977). Nesse sentido, uma verdadeira guerra em rede passa a ser travada em uma dimensão capaz de imbricar redes e ruas, tornando difícil a distinção radical – objeto de crítica de Pierre Levy em *Cibercultura* (1996) – entre o “virtual” e o “real”.

²¹ Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/09/protestos-de-7-de-setembro-tem-confronto-em-11capitais-do-pais.html>. (Acesso em: 11/04/2014)



Assistimos, portanto, durante as manifestações que se desdobram desde de junho de 2013 a emergência de uma outra dinâmica comunicacional dentro dos movimentos políticos brasileiros. Como observam Antoun e Malini, a construção de uma narrativa colaborativa por meio do uso das novas tecnologias fortalecem a constituição de redes de ação coletiva e modificam substancialmente as perspectivas da produção de informação e, logo, da luta política na contemporaneidade.

“A narrativa colaborativa... é uma expressão de uma nova cultura de indiferenciação do consumo e da produção da informação, cujo traço peculiar é a instataneidade em fluxo contínuo de uma conversa... Ela marca o engajamento do sujeito naquilo que escreve e na ação coletiva à qual ele se vincula.” (ANTOUN & MALINI, 2013, p.214)

Guerra em rede: análise dos dados extraídos do Twitter

O *software* Gephi, utilizado para visualização e manipulação dos grafos utilizados neste artigo, permite a utilização de métricas distintas para o estudo e a representação das características únicas que cada rede apresenta. Os nós (*nodes*) representam diferentes perfis ou *hashtags* (fig. 1 e 2, respectivamente) envolvidos na controvérsia que formou a rede; e as arestas (*edges*), as conexões estabelecidas entre dois diferentes nós. É importante notar que essas conexões são direcionais, ou seja, não necessariamente recíprocas, devido à natureza de como as interações sociais no Twitter são realizadas: um usuário não precisa estar na rede de outro para republicá-lo; entretanto, quanto mais usuários tem em sua(s) rede(s), maior é a chance de obter outras mais republicações.

No primeiro grafo (fig. 1), utilizamos a segunda versão do algoritmo de distribuição espacial *Force Atlas*²². O tamanho dos nós indica o valor de seu grau de entrada ponderado, medida que avalia a quantidade de republicações que um perfil recebeu em todas as suas mensagens, calculando a soma dos pesos das arestas que outros nós possuem, conectando-os a ele; já a sua cor, o valor de seu grau de saída ponderado, que avalia a quantidade de republicações que um perfil fez de mensagens de outros perfis, calculando a soma dos pesos das arestas que possui conectando-o a outros nós. A primeira métrica é a responsável por indicar os perfis que comportam-se como Autoridade na rede, ou seja, o quão *retweetado* ele foi por outros usuários, independente de seus números de seguidores. Já a segunda é útil para identificar os *hubs*, ou seja, os perfis cuja participação na rede define-se não somente pela quantidade, como também pela qualidade de suas

²² Algoritmo contínuo responsável por decompor a rede objetivando a sua interpretação qualitativa, através de métricas espaciais de atração e repulsão, como gravidade e massa, cujos valores são dependentes dos atributos dos nós que, por sua vez, variam de acordo com as suas ligações (arestas) com outros nós.

ligações: tanto a nós influentes pelo seu grande e/ou altamente conectado *userbase*, quanto pelo conteúdo que agregam à e toma a atenção de outros usuários na rede. Já o tamanho das arestas define a força da conexão entre dois nós (o quão *retweetado* por outros usuários fora da ligação original foi o conteúdo da mensagem então republicada), e a sua cor, visando uma melhor composição visual, um misto das duas métricas.

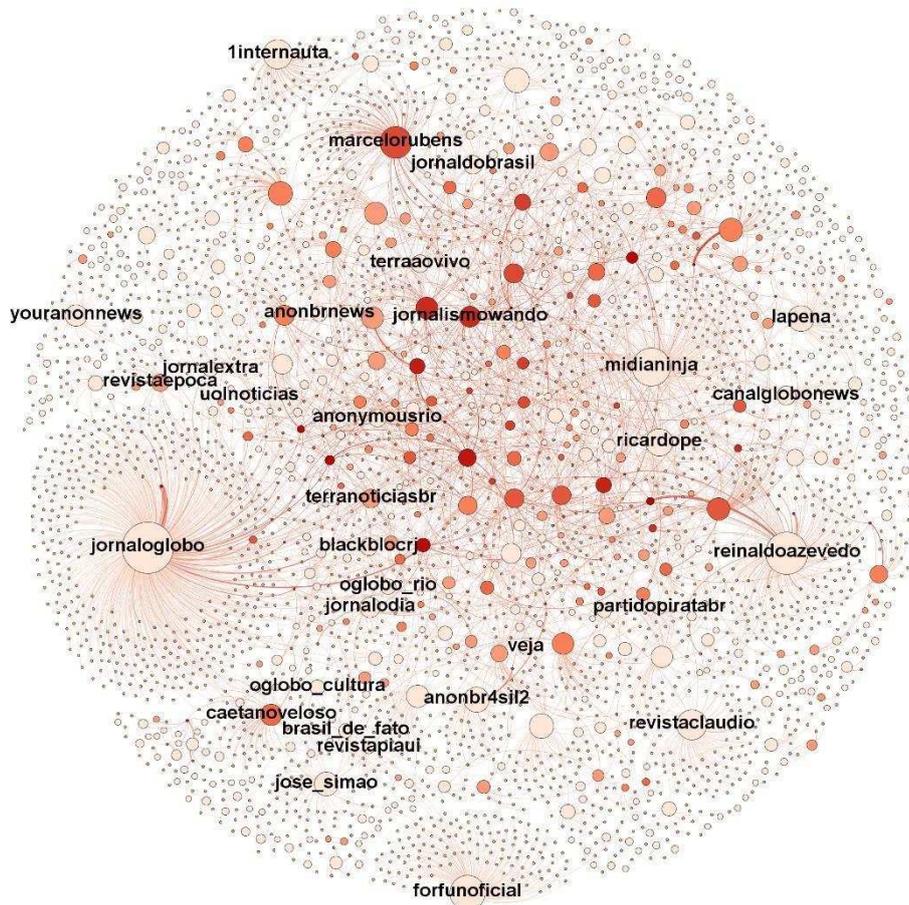


Fig. 1: grafo dos tweets que continham o termo *black bloc* e/ou a hashtag *#blackbloc* publicados durante a semana (entre os dias 4 e 10) dos protestos do Dia da Independência

Desta forma, pudemos identificar, entre os 3.663 nós, que os perfis que mais se assimilaram ao comportamento de Autoridade na rede foram 1) *jornalloglobo*, mídia tradicional, com peso 572; 2) *reinaldoazevedo*, jornalista da revista *Veja*, com peso 225; 3) *midianinja*, rede descentralizada de comunicadores que recentemente venceu o 6º Shorty Awards, com peso 164; 4) *forfunoficial*, banda musical, com peso 127; e 5) *marcelorubens*, escritor brasileiro, com peso 101. Assim, conferimos, por exemplo, que, apesar da ascensão de múltiplos grupos informativos, a mídia online de um dos veículos mais tradicionais do país obteve uma participação quase 350% maior no Twitter que o coletivo independente de maior alcance e repercussão durante a semana dos protestos, mesmo realizando *streamings* e postando informações por vezes mais rapidamente que a



sua contraparte; e que estes perfis, por possuírem valor 0 de grau de saída, dedicaram-se a e ganharam foco exclusivamente pela publicação independente (no sentido de a publicação não ser um RT – mesmo que em *tweets* próprios, o perfil do *jornaloglobo*, por exemplo, utilizou-se das coberturas realizadas por mídias autônomas, como veremos a seguir) na rede de conteúdo pautado na temática do *black bloc*.

Também foi fácil identificar os *tweets* com maior índice de republicação, que coincidiam às arestas (cujo número total era 4.157) de maior tamanho. A sua análise, por se tratar de uma hipermídia, dependia também da leitura dos *links* que agregava em seu conteúdo. São eles: 1) “RT @JornalOGlobo: No Rio, bandeira do Black Bloc é hasteada no lugar da do Brasil. Siga ao vivo: <http://t.co/dWirVhgSpp>”, repercutindo na rede tanto devido ao link que agregava (uma compilação de vários outros *links* de *streamings* e imagens publicados por outros usuários no Twitter) quanto devido ao seu texto (inflando o discurso das respostas positiva e negativamente, de acordo com a posição prévia de seus autores em relação à tática); 2) “RT @reinaldoazevedo: Os black blocs nada têm de polêmico. A menos que se aceite quebrar por quebrar, vandalizar por vandalizar. <http://t.co/T92FyeF16f>”, uma opinião errônea, por interpretar um(ns) grupo(s) como monopolista(s) da tática de guerrilha, prescindir as causas de seu surgimento, edificar o seu comportamento como massa, escusando os efeitos não-visuais diretos, imediatos e a longo prazo de sua(s) ação(ões) e ainda negar a sua “polêmica”, confirmada pela escalada no número de *tweets* próximo aos protestos de 7 de setembro (fig. 3), conforme análise dos dados do Twitter; 3) “Ato pelos Black Bloc[s] presos, amanhã [em] RJ! pic.twitter.com/3wjrkip65Y”, publicação direcionada ao engajamento e mobilização de outros usuários, por um perfil ativista ainda ativo até a publicação deste artigo; 4) “RT @reinaldoazevedo: Aos 20 e poucos anos, Caetano se negou a aderir à esquerda botocuda opositora do regime militar. Por que o faz agora?”, em referência ao então recente ato do músico Caetano Veloso de, em tese, demonstrar apoio ao movimento por meio da publicação de uma foto sua enquanto mascarado nas redes sociais; e 5) “RT @AnonBr4sil2: Marcha Black Bloc segue na Avenida Paulista com milhares de integrantes. Acompanhe ao vivo: <http://t.co/Ev8xYbhMVU>”, postado por um dos vários perfis autodenominados *anonymous* que participaram da cobertura dos protestos. A análise destes *tweets* com maior índice de republicação permite, portanto, confirmar o panorama do *wordcloud*²³ (fig. 4) representativo do conteúdo de todas as mensagens

²³ Feito om a ajuda do *webapp* gratuito Tagxedo, disponível em: <http://www.tagxedo.com>. (Acesso em: 11/04/2014)



vem atravessando diversos países do mundo desde 2010. A marca de tais jornadas tem sido um crescente uso das redes sociais para a mobilização e organização dos protestos, aproveitando a inteligência coletiva disponível no ciberespaço e criando formas inovadoras de ação política, baseadas no compartilhamento de informação e na colaboração entre usuários. Nesse sentido, o uso de *streamings* e o rápido compartilhamento de fotos e vídeos no Twitter, por parte de manifestantes e coletivos independentes, configurou-se como um importante mecanismo para que os próprios atores pudessem contar a história do movimento, rompendo com o monopólio da mídia tradicional.

Além do uso de tais ferramentas, a “Jornada de Junho” – como ficaram conhecidos os protestos brasileiros – possui ainda um outro fato novo: a emergência da tática *black bloc* como forma de resistência à violência policial e, de maneira mais difusa, de luta anticapitalista. Pode-se dizer que o aparecimento desses novos atores está ligado a, pelo menos, dois fatores: a multiplicação dos relatos de repressão a manifestantes; e a incapacidade das esferas governamentais de compreender e lidar com movimentos acentrados e não-hierárquicos. Isso levou a uma radicalização dos protestos nas ruas e a uma disputa na rede acerca do papel dos *black blocs*, isso pode ser explicado pelo fato de que, como analisa Manuel Castells: “A forma como pensamos e sentimos determina a como atuamos” (CASTELLS, 2009, p.393).

Por fim, nesta primeira etapa da pesquisa nos propusemos a analisar a conexão entre as redes e as ruas e suas implicações na difusão de informação acerca das manifestações e, em particular, das discussões em torno do *black bloc* no Twitter. Para tanto, utilizamos um método capaz de revelar a constituição das redes de relações entre atores, os papéis assumidos pelos mesmos na discussão e a semântica que circulou na rede durante o 7 de Setembro. Assim, notamos as disputas de sentidos em torno do tema, o que fez com que houvesse uma polarização da rede entre aqueles que identificavam a tática como uma violência despropositada e aqueles que afirmavam o *black bloc* como uma forma de resistência à polícia e à opressão do Estado, diferentemente da interpretação homogênea das grandes corporações midiática. Dessa forma, comprovamos empiricamente o papel das novas tecnologias na amplificação de discursos marginalizados pela mídia de massa.

“Com a internet, a potência das forças centrífugas que tinham sido aprisionadas e capturadas pela força de unificação e homogeneização das redes analógicas (televisão) é



liberada, ativada e inventa outras máquinas de expressão, outros regimes de signos.”
(Lazzarato, p.179)

V – REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **HOMO SACER: O poder soberano e a vida nua I**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

ANTOUN, H. & MALINI, F. **Internet e a Rua, A - Ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Vitória: Ed. Sulina, 2013.

Black Bloc Rising: Social Networks in Brazil. Instituto Igarapé, 2013.

CASTELLS, M. **Comunicación y Poder**. Madrid: Ed. Alianza, 2009.

CIDADANIA, justiça e violência. Rio de Janeiro: Ed. Função Getulio Vargas, 1999.

DEUSEN & MASSOT. **The Black Bloc Papers**. Kansas: Breaking Glass Press, 2001.

DUPUIS-DÉRI, F. **The Black Blocs Ten Years after Seattle: Anarchism, Direct Action, and Deliberative Practices**. Université du Québec à Montréal (UQÀM), 2010.

LAZZARATO, M. **As revoluções do Capitalismo**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2006.

LÉVY, P. **A Inteligência Coletiva**. São Paulo: Ed. Edições Loyola, 1998.

MAGALHÃES, Paulo. **A Polícia na História do Brasil**. Mato Grosso do Sul: Ed. Brasil Verdade, 2008.

MULLER, Jean-Marie. **O Princípio da Não-Violência: uma trajetória filosófica**. São Paulo: Palas Athena, 2007.

RHEINGOLD, H. **Multitudes Inteligentes: la próxima revolución social**. Barcelone: Ed. Gedisa, 2004.

SODRÉ, Muniz. **O Monopólio da Fala**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1977

VODOVNIK, Ž. **A Living Spirit of Revolt: The Infrapolitics of Anarchism**. Dexter: Ed. Thomson-Shore, 2013.